

ACONSELHAMENTO BÍBLICO E A TEOLOGIA DE DEUS

Eu conheci Jenny quando ela tinha vinte e dois anos. Ela tinha ouvido a meu respeito, por meio de um aconselhado que eu havia ajudado anteriormente, e então começamos a nos encontrar. Ela era muito tímida quando entrou, pela primeira vez no meu escritório, vestindo um moletom e com um olhar cansado. Ela achou muito difícil se abrir, mas quando começou a compartilhar, ela tinha uma história horrível para relatar.

Até onde Jenny se lembrava, seu pai havia abusado sexualmente dela. Esses abusos variaram de acariciar a estupro e aconteciam quase sempre que sua mãe saía de casa. Jenny disse, com lágrimas, como implorara à mãe para ficar em casa em vez de sair ou levá-la junto com ela. Às vezes, sua mãe ouvia estes pedidos. Muitas vezes não.

Uma das memórias mais dolorosas da vida de Jenny aconteceu antes dela completar dez anos. Seu pai a estava estuprando em seu quarto quando sua mãe voltou mais cedo de sua incumbência. Ela ficou ciente da presença de sua mãe quando ela e seu pai olharam para cima e viram sua mãe de pé na porta aberta no quarto. Jenny olhou horrorizada enquanto sua mãe olhou e depois voltou pelo corredor. A mãe de Jenny nunca trouxe isto à luz. Ela até mesmo se comportou normalmente no jantar daquela noite. Nas palavras de Jenny, foi nesse momento em que ela soube que ninguém se importava com ela, que ela estava sozinha e teria que descobrir tudo por conta própria.

As coisas só ficaram piores. Como Jenny cresceu, seu pai a tornou sexualmente disponível para o seu irmão. Isso criou uma dinâmica ainda mais dolorosamente complicada porque, além do abuso sexual, o tio de Jenny fazia mal fisicamente a ela de outras maneiras. Jenny pedia a seu pai para não deixá-la com seu tio. Ela aprendeu durante esses anos

que podia manipular sexualmente seu pai. Se ela tomasse a iniciativa das relações sexuais ou se comportasse de maneiras sexuais, o que ela sabia que ele gostava, ela poderia evitar ficar com seu tio, conseguir coisas que ela queria, e até mesmo “alegrar” seu pai quando ele estava de mau humor.

Mais ou menos na época em que Jenny fez catorze anos, seu pai deixou de fazer sexo com ela e, nunca o fez outra vez. Durante o ensino médio, sua mãe e seu pai se tornaram distantes e “estranhos”. Ela os odiava e queria sair. Ela fez o melhor que podia para contar, por baixo, os dias até o final do último ano. No verão após a formatura, como ela estava se preparando para ir para a faculdade, decidiu sair com alguns amigos, quando um cara de sua escola a estuprou. Ela ficou devastada.

A situação na vida de Jenny se tornou ainda mais horrorosa quando ela foi estuprada, novamente, durante seu primeiro semestre na faculdade. Desta vez Jenny não tinha mais nenhuma força restante. Ela desistiu da faculdade, saiu do emprego e começou a ficar na casa de qualquer amigo que pudesse durante o maior tempo possível. Ela se envolveu com drogas e bebidas. Ela não estava interessada em um relacionamento de longo prazo, mas namoraria episodicamente e teria relações sexuais com seus namorados, embora ela não gostasse.

Durante esse tempo, Jenny começou a cortar os braços com lâminas de barbear. Ela muitas vezes pensava em suicídio, embora ela nunca, realmente, contemplasse isto como uma opção séria, pois acreditava que iria para o inferno. Foi neste momento em que a jovem Jenny, de vinte anos, veio a conhecer Jesus Cristo. Uma garota que vivia em uma casa onde ela estava hospedada era cristã e a convidou para ir à igreja. Jenny decidiu ir e, depois de algumas semanas, ela confiou em Cristo. Seus recém-descobertos irmãos e irmãs em Cristo tentaram fazer o que podiam para ministrar a ela, mas rapidamente perceberam que estavam mal equipados para ajudá-la e, assim, buscaram ajuda. Foi nesse contexto que Jenny apareceu em meu escritório.

A história de Jenny é dolorosa e complicada. Eu a aconselhei por muitos meses com a ajuda de vários conselheiros e conselheiras jovens. Há muita coisa para se dizer no que diz respeito a ajuda a ser dada a

Jenny. Neste capítulo, entretanto, eu quero focar em uma coisa: se a doutrina de Deus tem algo a contribuir com o tipo de caso grave de aconselhamento que Jenny apresentou.

CONHECENDO A DEUS

Quando eu me refiro à doutrina de Deus no contexto do aconselhamento, eu estou me referindo a respeito do que sabemos sobre Deus. Nós queremos conhecer o que é verdadeiro sobre ele. Nós queremos entender o que isto significa, a fim de termos um relacionamento com ele. Quando nós conhecemos quem é Deus, nós também sabemos que ele é o ser existente mais maravilhoso. Saber quem Deus é muda a sua vida. Você não pode ser o mesmo quando você percebe que o Deus que fixou as estrelas e os planetas nos seus devidos lugares dirige sua atenção para cuidar de você.⁹⁰

Conhecer a Deus é mudar de vida. Uma das formas que expressamos isto está em nossas palavras sobre Deus. O aconselhamento é apenas um dos muitos lugares em que nosso amor por Deus transborda em palavras faladas sobre ele, a pessoas que necessitam ouvir a respeito dele. Nós devemos falar sobre Deus no aconselhamento, mas não da forma com que limpamos as calhas na primavera. Em vez disso, devemos falar dele da forma que abraçamos nossos filhos quando eles tiram uma foto conosco. Isto é a exigência do prazer. Somos compelidos a falar alegremente dele porque ele mudou as nossas vidas, e estamos ansiosos para vê-lo mudar a vida de outras pessoas. Neste capítulo, nós consideraremos um pouco das gloriosas realidades sobre Deus que *devem* informar o nosso discurso no aconselhamento.

Teólogos discutiram uma quantidade enorme de questões que se relacionam com a doutrina de Deus. Essas questões incluem a existência de Deus, a criação do mundo e a doutrina da Trindade. Cada uma dessas questões poderia ser explorada significativamente por seus impactos na tarefa do aconselhamento bíblico. A despeito de serem mui-

⁹⁰ O famoso A. W. Tozer disse, “O que vem em nossas mentes quando pensamos em Deus é a coisa mais importante sobre nós”, em *The Knowledge of the Holy: The Attributes of God: Their Meaning in the Christian Life* (San Francisco: HarperCollins, 1961).

to valiosas essas questões, entretanto, neste capítulo eu focarei sobre o caráter de Deus. Há muito que podemos aprender sobre Deus e como conhecê-lo explorando seus atributos, e esse conhecimento valida nosso aconselhamento a outros.

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Um atributo é uma qualidade verdadeira em uma pessoa e que nós usamos para descrevê-la. Quando você diz que sua esposa é linda, que seu vizinho é gentil, ou que seu chefe é severo, você está usando atributos para descrevê-los. Uma das coisas mais maravilhosas sobre a Bíblia é que ela não descreve, meramente, *que* Deus existe ou *o que* ele faz. A Bíblia nos fala o que Deus é. Ela nos fala sobre o que ele gosta e o que ele não gosta; as coisas que ele valoriza e ama. Ela nos ensina sobre o tipo de ser que ele é e o que motiva as suas ações. Isso é tão maravilhoso porque Deus não está debaixo de nenhuma exigência para nos dizer quem ele é. O fato de Deus nos dar tantas informações sobre si mesmo é uma indicação do seu desejo de relacionamento conosco. Ele quer que saibamos mais do que fatos sobre ele. Ele quer que o conheçamos. Isto adiciona entusiasmo à nossa pesquisa que busca compreender essas coisas. Deixe-me explicar.

Quando eu era um veterano na faculdade, conheci uma pessoa chamada Lauren. Eu achava que ela era a mulher mais linda que eu havia visto, e embora eu não soubesse naquele tempo, ela era a mulher que, eventualmente, se tornaria minha esposa. Nós começamos a passar algum tempo juntos, e então, o desejo de nos vermos aumentou mais. Nós nos sentávamos e conversávamos até tarde da noite sobre nossas famílias, nosso caminhar com o Senhor, sobre o que nos fazia rir, o que queríamos da vida, e um milhão de outras coisas. Eu amava conversar com ela. Eu amava ouvir sobre o que a interessava. Eu queria saber mais e mais sobre esta garota que havia cativado o meu coração.

Isto é algo do espírito com o qual devemos perseguir nosso entendimento do caráter de Deus. A única diferença é que não importa quão maravilhosa minha esposa seja, ela não está na mesma categoria que o Deus do céu e da terra. Deus é mais maravilhoso do que qualquer pes-

soa que tenhamos visto. Nós devemos perseguir o conhecimento dele com inigualável entusiasmo. Eu estou orando por este espírito exato enquanto olhamos nos atributos de Deus.

Não é suficiente estudar os atributos de Deus. Nós precisamos saber *como* fazer isto. Quando se estuda os atributos de Deus, teólogos sistemáticos dividem os atributos divinos em categorias, ou classificações. Eles fazem isto porque é impossível falar sobre todos os atributos de Deus de uma vez; você deve se ocupar com um atributo por vez. Um sistema de classificação permite que você estude de forma organizada, o que ajuda a evitar a negligência de qualquer atributo de Deus. Diferentes teólogos dividem esses atributos em diferentes categorias. Através da história, teólogos têm usado várias categorias diferentes, incluindo atributos comunicáveis e incommunicáveis, atributos morais e não morais, absolutos e relativos, atributos de transcendência e de imanência.⁹¹ Nenhuma dessas divisões é perfeita. Todas elas têm sido criticadas de uma forma ou de outra.

Não há uma única forma que seja bíblicamente fiel para se organizar os atributos de Deus. Cristãos, através da história, têm organizado as informações sobre os atributos de Deus de muitas formas diferentes. Eles têm, simplesmente, feito o melhor que podem para examinar o caráter de Deus de forma que contribuam para uma comunicação eficaz e clara no entendimento.

91 Veja Louis Berkhof, *Systematic Theology: An Introduction to Christian Belief* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1996), 55, 57-81 (no Brasil foi publicado pela Editora Cultura Cristã); John M. Frame, *Systematic Theology: An Introduction to Christian Belief* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2013), 231-420; Wayne A. Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), 156-225 (publicado no Brasil pela Editora Vida Nova); Norman L. Geisler, *Systematic Theology*, vol. 2 (Mineapolis: Bethany House, 2002), 17-422 (publicado no Brasil pela CPAD); Augustus Hopkins Strong, *Systematic Theology* (Charleston, SC: Bibliolife, 2010), cap. 1, parte 4 (publicado no Brasil pela Editora Hagnos). A forma mais comum de se dividir os atributos de Deus está nas categorias de atributos comunicáveis e incommunicáveis. Atributos comunicáveis têm a ver com os atributos de Deus que ele compartilha com as pessoas. Atributos incommunicáveis são aquelas qualidades que somente Ele tem dentro de si mesmo. Embora esta seja a forma mais comum para designar os atributos, está longe de ser a única. Alguns teólogos dividem os atributos de Deus em morais e não morais. De acordo com esta distinção, atributos não morais se referem ao que Deus é. Os atributos morais se referem ao que ele faz. Outros teólogos fazem uma distinção entre atributos absolutos e relativos. Os atributos absolutos tem a ver com o que Deus é em si mesmo, enquanto que os atributos relativos tem a ver com o que Deus é com referência à sua criação. Ainda outros, fazem uma distinção entre os atributos de imanência e transcendência. Nesta distinção, transcendência tem a ver com a distinção de Deus da sua criação, e imanência tem a ver com a proximidade de Deus com a sua criação.

Como nós pensamos sobre teologia a partir da perspectiva do aconselhamento bíblico, temos alguma liberdade então para categorizar os atributos de forma que possa ser diferente do que outros têm feito. Ao invés de replicar as categorizações que outros já fizeram, eu começarei fazendo uma distinção entre atributos de Deus de *força* e atributos de Deus de *cuidado*. Existem limitações com essas designações assim como há com outras que foram usadas por teólogos clássicos e contemporâneos. Como ficará claro, entretanto, eu penso que esta distinção é útil na comunicação teológica para conselheiros e aconselhados.

Porque esta é uma teologia do aconselhamento bíblico, nosso objetivo é ver como a teologia que confessamos das Escrituras é relevante no nosso ministério de aconselhamento. Nós veremos como essas verdades se tornam um impacto relevante na vida de pessoas que experimentam problemas, que é onde a história de Jenny entra. A doutrina de Deus enquadra minha experiência de aconselhamento com ela. À medida que progredirmos através dos atributos divinos, eu quero mostrar a você como cada um deles foi aplicado, diretamente, à história dela. Nós iniciaremos olhando os atributos de Deus de força.

ATRIBUTOS DE DEUS DE FORÇA

Os atributos de Deus de força se referem às qualidades da sua pessoa nos quais seu incomparável poder está revelado. Uma das mais significativas diferenças entre Deus e nós tem a ver com seu poder. Deus é forte. Nós somos fracos. Quando conhecermos a Deus pelo exame de seus atributos de força, nós encontraremos um Deus que é muito diferente do que nós somos.

Seres humanos são *sempre* fracos, mas quando eles procuram o tipo de ajuda que oferecemos no aconselhamento bíblico, eles *sentem* as suas fraquezas de forma particular. É essencial para aqueles que oferecem conselhos bíblicos conhecer a força de Deus, para que possam oferecer esta força a seus aconselhados. Nesta seção, nós examinaremos seis atributos da força de Deus.

AUTOSSUFICIÊNCIA

Deus é autossuficiente. Ele não necessita de nada fora dele mesmo.⁹² Considere por um momento, mesmo que isto possa soar até estranho para nós, que como seres humanos, nós somos definidos por nossas necessidades. Nós somos surpreendentemente fracos. Se você se acha resistente, tente ficar uns poucos minutos sem ar! E nós precisamos mais do que ar. Nós precisamos de comida, água, sono, abrigo – e isto somente para nos manter vivos. Quando você começa a falar sobre ser razoavelmente confortável, a lista vai longe. Uma das definições mais características da humanidade é nossa fraqueza, ou nossa dependência.

Deus não precisa de nada que exista fora dele mesmo. Enquanto eu escrevo estas palavras, eu me encontro cansado e com fome. Comida e sono terão que vir em breve. Deus *nunca* se sente deste jeito. Esta é uma das características do que significa para Deus, ser Deus. É uma das distinções-chaves entre Deus, o criador de todas as coisas, e a humanidade, sua criação. Deus não precisa de nada para trazê-lo à existência porque ele nunca veio à existência. Ele sempre existiu. Deus nem mesmo precisa de alguma coisa para manter sua existência, porque ele é para sempre *autossuficiente*. Muitas passagens nas Escrituras ensinam este fato sobre Deus (Ex 3.14; Sl 50.12,13; Sl 102.25-27; Jo 5.26; 1 Tm 6.16). Uma passagem clássica relata as palavras de Paulo às pessoas de Atenas em Atos 17.24-30.

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem

⁹² Outros termos que teólogos sistemáticos usam para este atributo de Deus incluem a autoexistência de Deus, a independência de Deus e asseidade – uma palavra que deriva do Latim a qual significa “de si mesmo”.

a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração. Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem. Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam.

Há, no mínimo, três coisas que podemos aprender sobre a autossuficiência de Deus a partir desta passagem.

Primeiro, Deus é suficiente em si mesmo sem nenhuma necessidade fora de si mesmo. Nós somos informados de que Deus “não habita em santuários feitos por mãos humanas, nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse” (v. 24,25). Paulo está fazendo uma declaração chocante sobre a natureza da idolatria. Os ídolos recebem serviço das pessoas, que o fazem porque eles têm necessidades. Esses ídolos são feitos à imagem das necessidades das pessoas. O Deus autossuficiente é muito diferente. Paulo coloca essas categorias pagãs dizendo que, ao contrário de qualquer outro ser, Deus não precisa de nada fora de si mesmo.

Segundo, a autossuficiência de Deus cria nossa dependência dele. Deus não tem necessidade, mas ele dá à humanidade vida e respiração – de fato, todas as coisas. Nós somos o oposto de Deus desta forma. Ele não precisa de nada que venha de nós. Nós precisamos de tudo dele. Como Louis Berkhof observou, “Deus não é somente independente em si mesmo, mas também faz com que todas as coisas dependam Dele”.⁹³

Terceiro, Deus não somente nos fez dependentes dele, mas exige que reconheçamos esta dependência. Deus “determinou... para buscarmos a Deus” (v. 26,27) e se arrependermos. Para a criação humana de Deus, não é suficiente que isto seja verdade, a saber, que

Deus é suficiente e nós somos dependentes. Nós devemos confessar este relacionamento se quisermos nos relacionar com Deus de maneira correta. A autossuficiência de Deus, combinada com nossa necessidade, requer que nos voltemos para Deus em humilde dependência.

As implicações desta verdade para o aconselhamento são enormes. A dependência do homem cria a necessidade de todo aconselhamento. A autossuficiência de Deus forma a base para todas as soluções do aconselhamento. Não pode haver nenhum conselho útil, em última instância, que seja desprovido de confiança no Deus autossuficiente. Deus é o único que não tem necessidades; nós somos os únicos que encontramos todas as nossas necessidades nele.

Este certamente era o caso de Jenny. A história dolorosa de Jenny é a história de uma jovem que é fraca, frágil, necessitada e dependente. Muitas pessoas poderiam sugerir diferentes necessidades para ela: justiça no sistema judicial, um relacionamento seguro com um amigo em quem ela pudesse confiar, hospitalização psiquiátrica para alguns de seus comportamentos mais extremos, como se cortar... Alguns podem sugerir que ela precisa ser medicada por causa de suas emoções severas. Cada uma destas sugestões está sobre a mesa e precisa ser considerada. Mas qual das necessidades de Jenny é a mais crucial?

Seja cuidadoso ao responder esta questão. O que você responder determinará se você está pensando como um cristão ou como um descrente. Um cristão concordará sobre a importância da justiça, amizade e intervenção médica para os sintomas físicos dela. Mas qual dessas questões importantes é a *mais* importante?

Como cristãos, nós devemos insistir que a maior necessidade dela é Deus. Isto não é um clichê. É uma realidade profunda e inalterada que se fundamenta no atributo de Deus de autossuficiência. A necessidade principal que Jenny tem é conhecer o Deus vivo e crescer em sabedoria, amor e conhecimento dele. Isto não é singular a outros tipos de cuidados, que também são importantes. Mas essas outras questões importantes devem ser enquadradas de acordo com a questão principal de sua necessidade pela única pessoa que pode, finalmente, resolver todas as suas fraquezas.

Cristãos fiéis não têm a opção de ajudar Jenny com todo tipo de formas “práticas”, recusando-se a apontá-la para um Deus autossuficiente. Conselho que não remeta Jenny ao Deus que é completamente autossuficiente, não é somente anticristão, mas também ineficaz. A maneira mais rápida de se tornar culpado de negligência no aconselhamento é recusar-se a fazer referência a, confiar em, e convocar os aconselhados a dependerem do Deus autossuficiente em quem “vivemos, e nos movemos, e existimos” (v. 28).

INFINIDADE

A infinidade de Deus tem a ver com sua liberdade de quaisquer limitações para ser Deus. Os teólogos, normalmente, falam da infinidade de Deus de três formas:

A Infinitude de Deus com respeito ao tempo, que é chamada de “eternidade”. Deus existe desde a eternidade passada e continuará a existir na eternidade futura. A existência humana é constrangida pelo tempo. A existência de Deus não é.

A infinidade de Deus com respeito ao espaço é chamada de sua “imensidão”. Deus não está limitado por qualquer consideração espacial. É próprio da natureza humana ser limitada pelo espaço. Não podemos estar em qualquer outro lugar além do lugar onde estamos. A imensidão infinita de Deus significa que isto não é verdade para ele.

Tão importante como são essas coisas, e tanto quanto elas abastecem nossa adoração a Deus, elas não são os aspectos da infinidade divina que consumirão nossa atenção aqui. Ao invés disso, nós focalizaremos na perfeição de Deus. A perfeição infinita de Deus significa que todos os seus atributos são infinitos. Deus não é apenas autossuficiente, ele é autossuficiente infinitamente. No que diz respeito à bondade de Deus, Deus não é apenas bom. Ele é infinitamente bom. Para usar outro exemplo, Deus não é apenas amor, ele é eternamente amor.⁹⁴

A Bíblia ensina sobre a perfeição infinita de Deus, como em 1 João 1.5: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma”. Na Bíblia, luz e trevas são usadas, tipicamente, como analogias para retidão e pecado. Este texto das Escrituras está dizendo que a infinidade de Deus é definida, exclusivamente, pela retidão e que não existe pecado em qualquer aspecto do seu ser infinito.

Jesus exorta seus ouvintes a “serem perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). Jesus está estabelecendo o ponto de que não é suficiente amar somente aqueles que amam você. Seu mandamento é para amar até mesmo quando você é odiado. Ele exige que nunca sejamos achados em falta no amor. Este é o padrão de perfeição mantido pelo Deus infinito. Para Jesus, a perfeição de Deus tem a ver com sua virtude ilimitada. O amor de Deus, como todas as suas demais virtudes, é inesgotável.

No aconselhamento, a perfeição infinita de Deus é de importância crucial. Quando uma pessoa experimenta um tipo de pressão que a leva a buscar ajuda no aconselhamento, há sempre alguma circunstância negativa operando. Algo ruim está acontecendo. Alguma situação ruim está se desdobrando em algum lugar ruim, provocado, talvez, por uma pessoa ruim. Em tal negatividade, é de grande benefício prático apontar para a perfeição infinita de Deus. Este, certamente, era o caso com Jenny.

Todo homem com quem Jenny estivera perto a tratou de forma terrível. Ela tinha sido violentada, traída e abusada por seu pai. Pense num relacionamento de filha para com o seu pai. Isto deveria ser uma das mais seguras e sagradas experiências na terra. Este não era o caso de Jenny. O único pai que ela tinha, a estuprou. O único tio que ela conhecia, a estuprou. Seus namorados a estupraram. Estupro é uma das coisas mais horríveis e dolorosas que alguém pode experimentar. Se Jenny tivesse sido submetida ao horror de somente um daqueles

94 Esta área é uma das objeções mais comuns à divisão dos atributos de Deus entre comunicáveis e incommunicáveis. A bondade de Deus – para selecionar apenas um dos elementos do caráter de Deus – é listada junto como os atributos comunicáveis de Deus. Deus é bom, e os seres humanos podem ser também, então, sua bondade é comunicada

para o seu povo. O problema é que, enquanto seja verdade que possamos conhecer alguma medida da bondade de Deus, a plenitude deste atributo moral pode nunca ser, plenamente, compartilhado com seres humanos. Tanto quanto cristãos possam crescer em bondade, e tanto quanto eles cresçam em bondade no céu, com Cristo, eles nunca serão infinitamente bons.

relacionamentos, nós deveríamos dizer que isto era inexplicavelmente ruim. O que dizer, então, a uma mulher oprimida pela multiplicação de tragédias múltiplas? Onde você a situa no meio da maldade que ela suportou?

No aconselhamento, eu ajudei Jenny a conhecer uma pessoa cuja bondade, confiabilidade, amor, misericórdia, graça e paciência são, completamente, inesgotáveis. Eu falei para ela sobre Deus, aquele que é a definição de perfeição. Como um cristão e como um homem que apenas queria ajudá-la, eu não tinha ideia de como poderia ministrar à Jenny sem compartilhar algo do conhecimento deste Deus que é infinito em perfeição.

Eu levei muito tempo para ganhar a confiança de Jenny. Depois que eu consegui, nós fomos capazes de fazer muito progresso em sua vida e ter, realmente, um bom relacionamento. Em uma de nossas conversas, ela foi honesta comigo ao dizer-me que, embora confiasse em mim, ela frequentemente temia que eu fizesse algo para quebrar sua confiança. Eu queria assegurar Jenny de que nunca faria algo para quebrar sua confiança. Eu queria prometer que nunca faria qualquer coisa que a ferisse. Infelizmente, eu não podia fazer isto. Se eu tivesse tentado dar essa segurança, eu teria roubado dela a oportunidade de ouvir sobre o Deus, que na realidade, nunca quebraria sua confiança.

Em vez disso, eu lhe falei a verdade. Eu lhe falei que cuidaria dela, que queria ajudá-la e que tentaria, arduamente, manter sua confiança. Eu a lembrei que eu era um pecador, e que se nós fôssemos amigos por tempo suficiente, eu provavelmente iria decepcioná-la de alguma forma. Eu a lembrei que o objetivo do nosso relacionamento, não era para que ela encontrasse a sua confiança em mim, mas em Deus, aquele que mereceria a confiança dela e que nunca a quebraria.

ONIPRESENÇA

Que Deus é onipresente significa que ele está sempre presente em todo lugar com a plenitude do que ele é.⁹⁵ Como mencionei anterior-

⁹⁵ Neste capítulo, nós falaremos sobre onipresença, onisciência, onissapiência e onipotência. Estes são termos teológicos que têm a mesma raiz no latim, *oni*, significando todo. Assim,

mente, a imensidão de Deus tem a ver com o fato de que ele não é constrangido por limitações espaciais. A onipresença divina é uma verdade de equilíbrio muito importante para esta doutrina. Enquanto que a imensidão de Deus significa que ele não é constrangido pelo espaço, a onipresença significa que ele está presente em todo parte, em qualquer lugar, com seu ser divino inteiro.⁹⁶ Não há lugar onde Deus não esteja.

Davi fala disto no Salmo 139.7-10:

Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá.

Esta passagem, e outras, ensinam da qual Deus está sempre conosco (veja Jr 23.23,24; At 17.28; Cl 1.17).

A onipresença de Deus é uma verdade que precisamos para aconselhar porque ela é uma verdade que as pessoas precisam quando buscam ajuda. O fato de que Deus está sempre presente com você na plenitude da sua divindade é um forte conforto quando você está sofrendo. Deus compartilha esta verdade da sua existência conosco porque ele quer que tenhamos o conforto de que um Deus infinitamente bom está sempre conosco, não importa onde estejamos. Considere o Salmo 23.4: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum". Por quê? "Porque tu estás comigo".

O fato de que Deus está sempre presente com você na plenitude da sua deidade é também um forte encorajamento para você quando está pecando. Deus nos fala esta verdade sobre si mesmo para prover a responsabilidade de que precisamos quando somos tentados a andar sozinhos furtivamente e em pecado. Você não pode ocultar suas ações pecaminosas de Deus, porque ele está sempre ali com você.

onipresença significa que Deus está presente em todo lugar. Onisciência significa que Deus sabe todas as coisas. Onissapiência significa que Deus tem toda a sabedoria. Onipotência significa que Deus é todo-poderoso.

⁹⁶ Berkhof, *Systematic theology*, 61.

Pense como isto se aplica a Jenny. Embora Jenny não tivesse articulado isto na hora, uma de suas grandes dificuldades era a experiência da solidão. Como eu listei com ela, eu vi que muito do seu comportamento estava relacionado com o fato dela ser solitária. Jenny não queria namorado, pois ela detestava sexo. O que ela queria é que eles fossem companhia para ela. Jenny procurou ficar com amigos diferentes apenas parcialmente porque ela precisava de um lugar para ficar. Na maioria das vezes, sua seleção de lugar era controlada por onde ela pensava ser mais provável estar em torno de um número máximo de pessoas. Até mesmo o fato dela se cortar se relaciona com isto, já que a maioria das pessoas se corta apenas quando está sozinha.

A doutrina da onipresença divina é uma cura profunda para os problemas da solidão. Onipresença não significa que é desnecessário estar perto de outras pessoas desde que a realidade é bíblica também (e.g., Rm 14.15; Ef 4.15,16; Hb 10.24,25). Mas a onipresença ensina que a presença de Deus, embora invisível, é tão real quanto qualquer ser humano com o qual possamos estar. A presença de Deus é, também, mais importante do que qualquer outra pessoa com a qual possamos estar.

Jenny precisava saber que o autossuficiente Deus e que é infinitamente bom, estava poderosamente presente com ela. Quando ela soube disso, creu, e foi confortada por esta verdade, ela mudou a sua forma de pensar sobre onde ela deveria ficar, com quais garotos ela deveria gastar tempo, e até mesmo se deveria se cortar.

A onipresença ensina que Jenny nunca está sozinha. *Você* nunca está sozinho. Deus está sempre ali, onde quer que você esteja.

ONISCIÊNCIA

A onisciência de Deus significa que ele tem o conhecimento completo de todas as coisas. Não há evento passado, nem situação presente, nem possibilidade no futuro, nem elemento do seu caráter infinitamente santo do qual Deus não tenha perfeito conhecimento. Esta é uma quantidade incrível de informações, considerando o que é possível ao

conhecimento humano. Mesmo com um poderoso instrumento como o cérebro, nosso conhecimento do passado e do presente é severamente limitado, e nós não temos conhecimento qualquer do futuro. É impossível para nós compreendermos o conhecimento sobre Deus sem sua graça salvadora, e mesmo assim levará uma eternidade para crescermos no conhecimento do Deus eterno. Mesmo quando podemos atingir algum conhecimento limitado de algumas dessas coisas, não nos é possível ter mais do que umas poucas coisas em nossa mente de uma vez. Deus, pelo contrário, conhece todas as coisas perfeitamente.

Este elemento do caráter de Deus, onisciência, é ensinado através do Antigo e do Novo Testamento (1 Sm 2.3; 2 Cr 2.10,11; 16.9; Jó 12.13; 28.14; Sl 90.4; 94.9; 139.1-4; 147.4; Is 29.15; 40.27, 28; 42.8, 9; 46.9, 10; Mt 6.8; 10.30; 1 Co 2.10,11; Hb 4.13; 1 Jo 3.20). Um lugar significativo está no Salmo 139.1-6:

SENHOR, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda. Tu me cercas por trás e por diante e sobre mim pões a mão. Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir.

A descrição do conhecimento de Deus nesta passagem nada mais é do que exaustiva. Deus nos conhece. Ele sabe quando eu sento e quando eu me levanto. Ele conhece todos os nossos caminhos. Ele sabe tudo o que diremos antes de vir à nossa boca.⁹⁷ Esta verdade significa que o conhecimento de Deus a nosso respeito é de intimidade e familiaridade.

De fato, Deus sabe mais a nosso respeito do que nós mesmos.

⁹⁷ Esta observação suscita a questão se Deus conhece o futuro. O teísmo aberto (open theism) é uma crença que afirma que o futuro é desconhecido para Deus porque Deus sabe tudo o que existe, e o futuro ainda não existe. Veja Gregory A. Boyd, *God of the Possible: A Biblical Introduction to the Open View of God* (Grand Rapids, MI: Baker, 2000). Cristãos evangélicos tem rejeitado esta visão como antibíblica. Veja Bruce A. Ware, *God's Lesser Glory: The Diminished God of Open Theism* (Wheaton, IL: Crossway, 2000).

Assim como a passagem exalta o conhecimento de Deus, ela aponta para o nosso conhecimento extremamente limitado: “Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir” (v. 6). Nós não conhecemos estas coisas porque nós não somos Deus, nem tão maravilhosos como ele é. A onisciência de Deus sublinha sua glória como criador e nossa carência como criaturas.

Esses versículos se encontram na mesma passagem que olhamos quando examinamos a onipresença de Deus. Isto é significativo. Esta passagem, que exalta a onipresença de Deus, é a mesma passagem que exalta a onisciência de Deus. Para Davi, as duas coisas andam juntas. Deus está sempre com ele e conhece tudo sobre ele.

Não é suficiente ter a presença de Deus, mas é necessário deixar-se ser íntima e exaustivamente conhecido por ele. Pense em um marido que está presente, mas emocionalmente distante. Uma esposa, em tal situação, está com seu marido, mas sua presença é um conforto frio, visto que ele não a conhece. Ele não a entende. Em alguns casos, tal presença pode, na realidade, se tornar um fardo.

Deus não apenas está *com* Jenny. Ele a conhece. Considere quão importante é este conhecimento para o aconselhamento. Nenhum conselheiro pode oferecer ajuda significativa para um aconselhado, sem conhecimento acurado e cuidadoso dos problemas do aconselhado. Conselheiros bíblicos sabem a importância de se ouvir cuidadosamente no aconselhamento.⁹⁸

Quando os conselheiros procuram obter conhecimento a respeito dos seus aconselhados, eles precisam superar dois obstáculos. O primeiro obstáculo é competência. Conselheiros bíblicos devem crescer na habilidade de recolher informações no contexto do aconselhamento. O segundo obstáculo é sua limitação natural como pessoa. O conselheiro bíblico mais hábil nunca será capaz de acessar todas as informações

98 Veja John F. MacArthur Jr e Wayne A. Mack, Introduction to Biblical Counseling: A Basic Guide to the Principles and Practice of Counseling (Nashville: Thomas Nelson, 1994 [N.T. esta obra foi publicada no Brasil pela Editora Hagnos), 210-30; Jay E. Adams, The Christian Counselor's Manual: The Practice of Nouthetic Counseling (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986 [N.T. esta obra foi publicada no Brasil pela Editora Fiel), 249-93. Veja também Provérbios 18.13; Tiago 1.19.

relevantes à situação do aconselhado. Isto, simplesmente, não está disponível a nós. A doutrina da onisciência divina significa que Deus não enfrenta nenhuma dessas limitações.

A verdade do conhecimento exaustivo de Deus – não apenas as coisas em geral, mas de pessoas em particular – fez toda a diferença para Jenny e para mim, seu conselheiro. Meu conhecimento da situação de Jenny era e sempre será limitado. Mesmo Jenny não tem a capacidade de saber todas as informações que são relevantes para ajudá-la. Deus, que não tem nenhuma dessas limitações, nós dá confiança em sua habilidade para cuidar dela.

ONISSAPIÊNCIA

Onissapiência significa que Deus sempre entende o que é melhor. Este é um elemento muito importante do caráter de Deus, que se constrói, de forma profunda, sobre a onisciência divina. De fato, poderíamos dizer com bastante força que a onisciência viria muito perto de ser inútil se Deus não entendesse o que é melhor.

Para provar isto, vamos tentar pensar numa experiência:

Imagine que foram oferecidos a você dois empregos em duas empresas diferentes. Você sabe quem será seu chefe em cada lugar, você sabe a descrição do seu trabalho, seu salário e benefícios, e você sabe o que seu cônjuge pensa cada uma das opções. Sabe sobre todos os fatos, mas você ainda não pode decidir qual das duas posições você deve tomar. Nós experimentamos a indecisão em todo tempo. Isto demonstra que conhecimento sem sabedoria é, normalmente, sem sentido na prática. Todas as informações no mundo são inúteis sem sabedoria para saber o que fazer com aquele conhecimento.

Deve ser muito encorajador para nós sabermos que Deus não somente sabe todas as coisas, segundo a sua onisciência, mas que ele também sabe o que é melhor. Segundo sua onissapiência. O apóstolo Paulo exalta a onissapiência de Deus em Romanos 11.33,34 quando diz: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os

seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?”. Observe como o apóstolo Paulo louva não somente o conhecimento de Deus, mas também o seu entendimento. Paulo pergunta, retoricamente, quem foi o conselheiro do Senhor. A resposta assumida é que ninguém lhe foi por conselheiro, porque Deus não tem falta de sabedoria. Já que não falta qualquer sabedoria, ele não precisa de ninguém para ajudá-lo a pesar as opções, como nós fazemos quase todos os dias das nossas vidas.

Quando estamos com dificuldades, nós precisamos ter a certeza de que Deus sabe todas as coisas – todos os fatos. Nós precisamos ter a certeza de que Ele sabe como entender aqueles fatos. E a Bíblia nos assegura de que ele sabe. Para os cristãos, esta notícia fica ainda melhor. Deus não somente tem sabedoria compreensiva, mas ele promete compartilhar esta sabedoria conosco se apenas for pedida: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida” (Tg 1.5).

Jenny, assim como todas as pessoas que buscam ajuda por meio do aconselhamento, tem necessidade desesperada de sabedoria. Os cristãos não têm outra opção em sua fidelidade à Bíblia, confiança em Deus e amor por pessoas como Jenny, senão apontar para as promessas de passagens como Tiago 1 e gastar tempo orando pela sabedoria de Deus. Assim como nós procuramos ajudar Jenny a encontrar sabedoria, existem muitas coisas que poderíamos escolher fazer. A única coisa que a Bíblia requer que façamos é ajudá-la a encontrar sabedoria, conduzindo-a em oração a Deus, cujos recursos sábios são inesgotáveis.

ONIPOTÊNCIA

Onipotência significa que Deus é capaz de fazer qualquer coisa compatível com seus desejos como Deus. Quando pensamos a respeito dos atributos de força de Deus, sua onipotência é a que primeiro vem às nossas mentes, normalmente. Como temos visto, entretanto, ela não está sozinha. A onipotência seria imprudente e horripilante se não fosse informada pela onisciência e a onissapiência. Poder que não é guiado

nem informado pelo conhecimento e a sabedoria seria um desastre. Por outro lado, se Deus tem conhecimento e sabedoria, mas lhe falta o poder para fazer o que ele sabe ser o melhor, seu conhecimento é inútil. Assim, embora a onipotência não seja o único atributo de força de Deus, ela é um aspecto crucial dos seus atributos.

Uma passagem que nos ensina sobre a onipotência de Deus é Efésios 1.11, que diz que Deus “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (veja também Sl 33.10,11; 115.3; Pv 16.9; Is 14.24-27; 43.13; 55.11; 63.17; Jr 1.5; Rm 11.33-36; Ap 3.7). Paulo enfatiza que todas as coisas estão debaixo do controle onipotente de Deus. Deus é a fonte de todo poder, e ele não renuncia a esse poder em momento algum enquanto dirige o universo. Esse poder requer que façamos duas observações a respeito do poder de Deus.

A primeira diz respeito a uma pergunta que me fizeram quando eu era uma criança. Um dos meus amigos veio a mim e me disse, “se Deus pode fazer todas as coisas, então ele pode fazer uma pedra que ele não possa levantar?”. Eu não sabia como responder, por causa do aparente dilema. Responder com um sim ou um não pareceria limitar o poder compreensivo de Deus. Se Deus pudesse fazer uma pedra tão pesada que ele não conseguisse levantar, então seu fracasso em levantar a pedra demonstraria sua fraqueza. Se ele não pudesse fazer uma pedra tão pesada que fosse impossível a ele levantar, então seu fracasso em fazer uma pedra que fosse suficientemente pesada demonstraria, também, sua fraqueza. Eu lembro que pensei sobre essa questão muitas vezes e também me lembro de colocá-la para outras pessoas, tentando achar uma resposta.

Anos mais tarde, após eu me tornar um cristão, já havia crescido, e era um estudante de teologia na faculdade, eu ouvi que a resposta correta a esta questão é que é, de fato, impossível para Deus fazer uma pedra tão pesada que ele não possa levantar. Esta resposta não limita o poder de Deus, mas na realidade o enfatiza. Lembre-se de que onipotência significa que Deus pode fazer qualquer coisa *compatível com seus desejos como Deus*. Isto é uma qualificação importante a respeito do poder de Deus.

Não é verdade que Deus pode fazer *qualquer coisa*. Há coisas que

Deus não pode fazer. Por exemplo, a Bíblia ensina, claramente, que Deus não pode mentir (Tt 1.2; Hb 6.18). E Deus não pode parar de ser Deus. Ambas as coisas são incompatíveis como os desejos de Deus. Deus nunca poderia fazer estas coisas.

Agora, voltemos à resposta à questão sobre a pedra pesada. É impossível para Deus fazer uma pedra tão pesada que ele não possa levantar porque é impossível para qualquer coisa existir fora do controle onipotente de Deus.

Se houvesse qualquer coisa que existisse fora do seu controle, então Deus não seria Deus acima de todas as coisas. É impossível que isto aconteça. Isso significa que é tão impossível para Deus fazer uma pedra que ele não possa levantar como é impossível para Deus mentir. Ambas essas coisas requerem que Deus pare de ser Deus.

A segunda observação levantada pela onipotência de Deus diz respeito a um debate que tem deixado perplexos pensadores cristãos (de fato, toda a humanidade), por milênios. Como pode Deus ser soberano enquanto preserva o fato de que os seres humanos podem ser responsáveis e responsabilizados pelo que fazem? Esta é uma questão que Paulo coloca em Romanos 9 quando ele pergunta como Deus pode achar falta nos seres humanos, quando é impossível para eles resistirem sua poderosa vontade (Rm 9.19). As pessoas tomam decisões reais pelas quais são responsabilizadas, mas Deus é onipotente, sustentando o mundo por meio de seu controle completo. Como pode cada uma dessas coisas ser verdadeira?

Nós não resolveremos esses problemas em uma seção de um capítulo de um livro. Essas são questões que consomem volumes inteiros.⁹⁹ Nós, também, precisamos ser cuidadosos. Em Romanos 9, quando Paulo coloca esta questão hipotética, ele exorta a que sejamos cautelosos: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?” (Rm

⁹⁹ Alguns dos livros que tenho achado, particularmente úteis em minha própria jornada para entender essas questões são D. A. Carson, *How Long, O Lord: Reflections on Suffering and Evil*; R.K. McGregor, *No Place for Sovereignty: What's Wrong with Freewill Theism*; Jonathan Edwards, *Freedom of the Will*; e Bruce A. Ware, *God's Greater glory: The Exalted God of Scripture and Christian Faith*.

9.20). Nós precisamos estar seguros de que não há arrogância em nossas considerações a respeito destas questões, mas sim uma disposição para receber, alegremente, como Deus nos fez e nos submetemos ansiosamente ao que ele tem revelado nas Escrituras sobre quem nós somos. Nós podemos ficar perplexos, mas deveríamos ser sempre submissos.

Nenhuma dessas considerações significa que nós não podemos considerar a questão da responsabilidade humana e a onipotência divina que são abordadas nas Escrituras. Um bom exemplo é a história de José, em Gênesis. Você se lembrará de que os irmãos de José o venderam como escravo porque ficaram com ciúmes dele. Após um longo tempo de serviço como escravo no Egito, ele se tornou o segundo no comando, abaixo de Faraó. Foi neste momento que os irmãos de José vieram ao Egito procurar ajuda em meio à fome. Eles apareceram diante de José, mas eles não sabiam que ele era o seu irmão. José finalmente revelou quem ele era para os seus irmãos. Gênesis 45.4-8 registra que José disse:

Disse José a seus irmãos: Agora, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então, disse: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. Porque já houve dois anos de fome na terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura nem colheita. Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento. Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus.

Este é um texto fascinante que afirma o trabalho de Deus e dos homens na mesma seção. Nós sabemos, dos capítulos anteriores de Gênesis, que os irmãos eram culpados por terem vendido José como escravo. Gênesis 45 afirma este fato dizendo: “Eu sou José, vosso irmão, a quem *vendestes* para o Egito”, e “não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por *me haverdes vendido* para aqui”. Não há dúvidas sobre a responsabilidade dos irmãos.

E isso não é tudo o que a passagem diz. Ela também afirma a mão soberana de Deus nestes eventos. Ela diz, “para conservação da vida, *Deus me enviou* adiante de vós”, e “*Deus me enviou* adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra”, e finalmente, “*não fostes vós* que me enviastes para cá, e *sim Deus*” (ênfase acrescida). José disse que no e por meio de, acima e sobre o trabalho dos irmãos, a mão soberana de Deus estava nesses eventos.

Esta é a maneira como a Bíblia lida consistentemente com esses assuntos (Gn 20.1-6; Lv 20.7,8; 2 Sm 24.1-17 (cf. 1 Cr 21.1-7); Is 10.5ss; At 2.23; 4.27,28; 2 Ts 2.11,12). Estas passagens afirmam que a responsabilidade humana existe debaixo da soberana onipotência de Deus. Ambas são verdadeiras. Quando minha família dirige para Pensilvânia, para passar o natal com meu sogro todo ano, nós dirigimos para o norte na Interestadual 71. Por um tempo, a interestadual intersecta com a Interestadual 75. Por várias milhas, os sinais na rodovia têm os nomes das duas interestaduais neles. Se minhas crianças perguntam onde estamos (e acreditem, eles perguntam), eu posso dizer que estamos na Interestadual 71 e 75. Da mesma forma, Deus escolheu criar um mundo onde a responsabilidade humana existe debaixo de sua compreensível soberania. Da mesma forma como é possível para a minha família estar em uma rodovia e duas interestaduais ao mesmo tempo, assim, em cada ação humana, há o fator humano e Deus, o divino ator. A responsabilidade humana e a onipotência divina são preservadas.

Nós precisamos lembrar que o foco aqui é a onipotência incomparável de Deus. Deus é soberano, fazendo tudo como lhe agrada. Este é um aspecto fundamental do seu caráter. E é a onipotência de Deus que importa ao fazer o aconselhamento com Jenny. Como todos os conselheiros, eu quero ser eficaz em meu aconselhamento. Eu também quero que ela trabalhe para fazer o que precisa fazer para conseguir uma situação de vida melhor do que a sua situação atual. A doutrina da onipotência de Deus ensina que qualquer poder que tenhamos é derivado da soberania de Deus, a fonte de todo poder. Tanto quanto eu queira trabalhar duro e tão seriamente quanto eu deseje que Jenny trabalhe duro, a fidelidade no aconselhamento bíblico requer que

olhemos somente para o Único cujo poder é inesgotável. Não pode haver aconselhamento efetivo sem a poderosa obra do onipotente Deus. Conselheiros fiéis creem nisso, confessam isso e apontam isso para seus aconselhados.

As implicações desses atributos de força de Deus, se constroem em cima de outro atributo no aconselhamento. Deus é autossuficiente; Ele não precisa de nós, mas nós precisamos dele. Deus é infinito; o Deus que nós precisamos possui perfeição. Deus é onipresente; o Deus perfeito de quem precisamos está sempre conosco. Deus é onisciente; Deus sabe o que está errado e do que precisamos. Deus é onissapiente; ele é sábio e entende o que deve ser feito com o conhecimento. Finalmente, Deus é onipotente; ele é capaz de tornar realidade o que precisamos. Tais verdades sobre nosso poderoso Deus requer que sejamos o tipo de conselheiros que apontam para o Deus que, sozinho, provê este tipo de força. Esta é a força que Jenny precisa e que todos os demais aconselhados precisam. Conselheiros precisam desta força também.

ATRIBUTOS DE CUIDADO DE DEUS

Nós temos visto uma imagem de Deus o qual é poderoso em força. Não há forma para se entender o caráter de Deus, sem apreciar a verdade de que ele é forte. A Bíblia também apresenta um Deus que cuida de nós. Isto é muito encorajador para o povo de Deus. Nós, frequentemente, vemos fotos em nossos dias de pessoas que são ou fortes ou cuidadoras. Há caras “machos” que não são muito gentis, e há pessoas cuidadoras que lhes faltam músculos. A Bíblia ensina que Deus é terno e firme, cuidador e forte. Isto é uma boa notícia que os conselheiros precisam oferecer para as pessoas que se encontram lutando, um Deus que é poderoso e gentil. Nós olharemos seis atributos de cuidado de Deus.

SANTIDADE

A santidade de Deus é sua devoção a si mesmo como Deus acima de todas as outras realidades. Na Bíblia, alguma coisa é santa, quando é colocada a parte para dedicação exclusiva a Deus e seu serviço. O dia de Sábado é santo porque é o dia da semana devotado exclusivamente ao Senhor (Ex 20.8-10). Israel era chamado de santo porque os israelitas eram uma nação devotada exclusivamente ao Senhor (Lv 20.26). Como os cristãos se devotam a Deus, eles são chamados de santos (Rm 12.1). Em termos bíblicos, algo santo é aquilo que foi entregue inteiramente a Deus e é devotado exclusivamente ao seu serviço.¹⁰⁰

Quando dizemos que Deus é santo, estamos dizendo que Deus é devotado a si mesmo. Muitos têm apontado, que a única repetição tripla de um atributo de Deus, na Bíblia, é que ele é santo, santo, santo (Is

6.3; Ap 4.8).¹⁰¹ Tal repetição é a forma que os autores bíblicos enfatizam a importância deste atributo de Deus. Estamos aprendendo que este é um assunto de importância central, que Deus é devotado a si mesmo.

Os teólogos, comumente, destacam que a santidade tem a ver com a separação, e eles apontam que a santidade é que serve como a distinção fundamental entre criatura e Criador.¹⁰² A definição que eu proponho aqui não se opõe a este entendimento. A separação da santidade tem a ver com ter devoção completa a Deus e ser separado de um mundo que despreza a Deus. A santidade cria uma das distinções fundamentais entre Deus e seu povo.¹⁰³ Esta distinção é de devoção a Deus. Deus é suprema e infinitamente santo porque ele tem discernimento supremo e infinito do seu próprio caráter impressionante. O discernimento de Deus a respeito disso o conduz a uma devoção, última, a si mesmo. A santidade de Deus – sua devoção a si mesmo – é um atributo necessário. Se Deus fosse mais devotado a alguma outra coisa do que a ele mesmo, esta outra coisa, como objeto primário de adoração, tornaria Deus um idólatra. A santidade de Deus significa que ele não é um idólatra e não é tentado a ser um.

A santidade de Deus é um atributo de cuidado importante. Para amar algo da maneira correta, você deve amá-lo de forma correta. Nosso cuidado por algo sempre será distorcido a menos que procuremos cuidar disso em seu devido lugar. Considere alguns poucos exemplos: imagine um homem cuja vida em casa é um problema porque ele está sempre no trabalho. Sua esposa se sente solitária e isolada, e seus filhos o veem como uma figura distante. Você poderia dizer a este homem que ele não está errado em amar seu trabalho, mas seu amor pelo trabalho está fora de ordem, pois ele tem trazido dor à sua esposa e à vida de sua família. Ou imagine um estudante universitário fracassando em seu curso porque ele só quer sair com seus amigos. Seus pais estão irados, e

101 R. C. Sproul, *The Holiness of God* (Carol Stream, IL: Tyndale, 2000 [livro publicado no Brasil pela Editora Cultura Cristã, *A Santidade de Deus*, N.T.]), 25,26.

102 Um exemplo disto é a excelente discussão de John Frame sobre a santidade em sua *Systematic Theology: An Introduction to Christian Belief* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2013), 276-79.

103 Eu hesitaria em dizer que esta é a distinção entre criatura e Criador. Eu penso que possa haver vários candidatos a este posto, incluindo a autossuficiência. O atributo da santidade é, com certeza, um atributo significativo neste sentido.

100 Uma vez que minha definição de santidade difere do entendimento popular do termo, algumas explicações se seguem. Desde os tempos da Reforma, a visão tradicional da santidade de Deus é associada com sua pureza moral e transcendente. Durante os últimos cem anos, especialmente, o significado de santo foi definido como “separação”, baseado pesquisas analíticas do uso da palavra em Hebraico e nas literaturas dos povos ao redor de Israel (e.g. Acádico e Ugarítico). Naquele contexto, o significado básico da palavra é “consagrado a/devotado a”. Mas em Êx 3, a primeira instância do adjetivo ou substantivo santo, a palavra tem a ver com o encontro de Deus com o homem, não sendo separado. Moisés se torna alguém que pertence a Deus, que é devotado a Deus como um servo obediente. Em Êxodo 19, Moisés como mediador traz a nação inteira de Israel a um relacionamento aliançista com Deus em que Israel pertence a Deus como um filho devotado e obediente (Êx 4.22). Em Isaías 6, a tripla ocorrência de santo é uma forma de ênfase extrema para descrever Yahweh como enfaticamente santo porque ele é completamente devotado à instrução, ou Torá, em sua aliança com Israel no Sinai. Esta instrução representa seu próprio caráter e o amor fiel e leal das pessoas dentro da divindade uns aos outros. Assim, Deus é santo no sentido que ele é completamente devotado a si mesmo. Dentro do ser triúno de Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são cem por cento devotados uns aos outros em fidelidade, lealdade e confiança. Uma vez que justiça se refere à forma que as pessoas tratam umas às outras no relacionamento, Deus é santo em sua justiça. Tudo isto tem implicações para o que significa para os seres humanos serem santos. A santidade humana tem a ver, apenas, com pureza moral resultante do foco primário, a saber, nossa devoção a Deus. Pureza moral e separação do pecado não é o significado da palavra santo, mas o resultado do ser devotado a Deus. Em Isaías 6 a justiça e transcendência de Deus não são mencionadas porque estão linguisticamente relacionadas, mas porque Deus está cem por cento comprometido com as instruções para uma vida justa conforme se encontra na Aliança Mosaica. O fato de que Deus é transcendente significa que ninguém escapará do seu juízo. Assim, a transcendência de Deus apoia e suporta a sua santidade, i.e., seu comprometimento com sua própria justiça e caráter. Eu sou profundamente agradecido pelo trabalho de Peter Gentry em me ajudar a desenvolver meu entendimento desses assuntos. Para um excelente tratamento desta questão, veja Peter J. Gentry, “the Meaning of ‘Holy’ in the Old Testament”, *Biblioteca Sacra: BSAC* 170:680 (Outubro, 2013), <http://www.galaxie.com/article/bsac170-680-02>.

ele está estressado diante da situação em que se meteu. O problema não é que o estudante ame seus amigos. É antes que ele não tenha amado seus amigos na ordem correta, acima e contra a sua devoção (ou falta de devoção) aos seus estudos. Amor desordenado não é realmente amor.

Cristãos creem que a pessoa mais gloriosa no universo é Deus. Porque ele é tão maravilhoso, nós devemos amá-lo mais do que ninguém. Nós devemos ser santos, devotados a Deus. Quando nós não amamos a Deus, nós não somos equipados para amar alguém de forma correta, porque não colocamos as primeiras coisas em primeiro lugar.

A santidade de Deus requer que vejamos que a maior e mais importante necessidade de Jenny é santidade. Mesmo diante de todas as preocupações e problemas, devemos abordar no aconselhamento de Jenny que a necessidade mais premente que ela tem é viver uma vida de santidade. Desde que a maior necessidade de Jenny é ser santa, nós devemos dizer que a exigência mais importante em nosso relacionamento com Jenny é que o aconselhamento seja santo. Isto faz sentido. Como conselheiros, nós queremos ajudar as pessoas que passam por problemas. O maior problema que uma pessoa pode ter é não ser supremamente devotada a Deus. Quando este é o caso, as pessoas precisam de ajuda para se tornarem santas. Aconselhamento que falha em abordar o problema mais significativo que as pessoas enfrentam é aconselhamento sem valor.

É fácil no aconselhamento focar em questões óbvias que conduziram uma pessoa a buscar conselho, em primeiro lugar. No caso de Jenny, isto seria o seu passado trágico e sua dificuldade em viver a vida com as consequências disto. Mas cristãos, lendo suas Bíblias, entendem que o problema mais significativo no aconselhamento é, normalmente, algo que o aconselhado não sabia ser o problema. Nosso aconselhamento deve ser santo, porque Jenny deve ser santa. A fidelidade no aconselhamento requer conselheiros bíblicos que ajudem as pessoas a crescerem em sua devoção ao Deus santo. Conselheiros que falham em fazer isto, estão escolhendo o caminho de fracasso no aconselhamento.

FIDELIDADE

A fidelidade de Deus significa que o que Deus sabe e o que ele diz é verdade. Ninguém disse isto melhor do que o próprio Jesus. Em João 17.17 ele diz a respeito de Deus, "Tua palavra é a verdade". Esta declaração concisa transborda em profundidade, num mundo cheio de mentiras e decepções. Deus fala a verdade (veja Nm 23.19; 2Sm 7.28; Pv 30.5; Tt 1.2; Hb 6.18). Conhecer isto é de grande significado num mundo onde a verdade é difícil de discernir e onde a desonestidade, normalmente, prevalece. A fidelidade de Deus significa que podemos confiar que aquilo que ele diz é verdade e que as ações que ele promete acontecerão. Deus nos revela isto na Bíblia porque ele quer que confie-mos nele.

A fidelidade de Deus é um grande problema no aconselhamento. Quando pensamos na fidelidade de Deus, percebemos que este elemento do seu caráter tem tanto a ver com o aconselhamento bíblico quanto à suficiência das Escrituras. A suficiência das Escrituras garante que a Bíblia diz respeito ao aconselhamento. A fidelidade de Deus promete que as palavras que proferimos para o aconselhado, a partir da suficiência das Escrituras, são completamente confiáveis.

No capítulo introdutório, nós observamos vários exemplos diferentes de conselhos oferecidos às pessoas diante das suas dificuldades. Aqueles exemplos são apenas um pouco dos milhares de tipos diferentes de sabedoria de aconselhamento que podem ser oferecidos. A humildade requer que nos comprometamos a ser conselheiros que perguntem como podemos estar certos de que o conselho que oferecemos é um conselho fiel. Como podemos estar certos de que nossas palavras para os aconselhados são palavra fiéis? Um entendimento da fidelidade de Deus deve nos encorajar a mantermos nossas palavras tão perto, quanto possível, de Deus. Isto exige uma abordagem de aconselhamento que seja, unicamente, bíblica.

Jenny precisa, obviamente, de conselhos fiéis. Após décadas de palavras infíeis oriundas de pessoas infíeis, comportando-se de forma infiel, nossa irmã Jenny precisa ouvir algo confiável. Como seu conse-

lheiro, eu queria dizer palavras fiéis. Isto significa que eu preciso estar comprometido em dizer o que Deus lhe disse através da Bíblia. Porque eu queria dar a ela um conselho fiel, eu tentei, muito cuidadosamente, ajudá-la a pensar sobre o seu passado conforme a instrução de Deus, a fim de oferecer o tipo de conforto e encorajamento que Deus oferece, visando ajudá-la a crer nas coisas que Deus diz e fazer as coisas que estão na Palavra de Deus. Ajudar Jenny significa conduzi-la ao Deus da verdade e da fidelidade.

BONDADE

A bondade de Deus significa que tudo o que Deus é e faz é o padrão no universo para o que é o melhor. Wayne Grudem diz: “O ser e as ações de Deus são perfeitamente dignos da sua própria aprovação”.¹⁰⁴ O caráter e o comportamento de Deus não precisam se conformar a qualquer padrão externo de bondade no universo para serem aprovados. Se fosse assim, aquilo seria o padrão de bondade no universo. A Bíblia nos ensina que alguma coisa é boa quando se conforma a Deus (Sl 34.8; Lc 18.19; At 14.17; Rm 12.2; Tg 1.17).

O Salmo 119.68 diz: “Tu és bom e fazes o bem”. O que Deus faz é bom porque ele é bom. O caráter de Deus serve como o padrão para a bondade. Como pecadores, nós ficamos confusos com isto. Nós, frequentemente, pensamos que deveríamos ser o padrão para a bondade. Nós pensamos em palavras que se conformam ao nosso padrão de bondade. Nós cremos que o comportamento sexual que atende à nossa aprovação é bom. Nós pensamos que nossas grandes ideias sobre como tratar o outro são boas. A Bíblia ensina, a história humana ilustra, e o nosso próprio viver pecaminoso prova que não há bondade sem Deus. Todas as coisas podem parecer boas, mas, finalmente, não conseguem satisfazer a exigência da bondade.

Pense em como as noções equivocadas de bondade prejudicaram Jenny. Jenny foi vítima de pessoas cujos comportamentos contavam

com sua própria aprovação, mas não eram bons. Seu pai, seu tio, e seus namorados a estupraram. Outros namorados participaram com ela em imoralidade sexual. Sua mãe olhou para o outro lado, quando se deparou com o abuso horrível. Porque pessoas sempre fazem as coisas que fazem por razões que parecem boas, nós podemos dizer que foram as noções erradas de bondade que provocaram os problemas de Jenny.¹⁰⁵

Ajudar Jenny significa introduzi-la a um novo padrão de bondade. Jenny precisa desesperadamente encontrar um padrão maior de bondade. Ela precisa desesperadamente conhecer o Deus que é bom. Esta é uma das grandes necessidades das vítimas de abuso em geral. Pessoas que experimentam tratamento áspero ao longo do tempo podem perder sua perspectiva de justiça e injustiça, certo e errado, crueldade e gentileza. Clareza sobre o que é bom só ocorre quando focamos o aconselhamento no Deus que estabelece o padrão para a bondade.

AMOR

O amor de Deus significa que ele dá a si mesmo a fim de beneficiar a outros. Teólogos, frequentemente, debatem o amor de Deus sob a categoria da bondade de Deus. Nós não precisamos sentir nenhuma forma de pressão a fim de nos conformar a tais convenções. O amor de Deus e a bondade de Deus têm algumas sobreposições nos conceitos, o que ocorre porque os autores da Bíblia, normalmente, colocam as duas ideias juntas (e.g. Sl 100.5; 106.1; 107.1). Entretanto, há uma distinção entre esses dois atributos. Para os nossos propósitos, nós podemos entender a distinção como algo entre a essência de Deus e a compaixão de Deus. Que Deus é bom em sua essência significa que

¹⁰⁵ Por exemplo, Jonathan Edwards diz: “Parecer bom para a mente, como eu uso a frase, é o mesmo que parecer agradável ou parecer prazeroso à mente. Certamente, nada parece convidativo ou elegível à mente, ou que trate de envolver sua inclinação e escolha, que seja considerado mal ou desagradável; nada, de fato, tão indiferente, e nada agradável ou desagradável. Mas se ela tende a desenhar a inclinação, e mover a vontade, deve ser debaixo da noção do que convém à mente. E, portanto, isto carrega consigo a grande tendência de atrair e engajar a mente, que como tal, adapta-se melhor à visão que a própria mente carrega e a agrada mais; neste sentido, é a maior bondade aparente: para dizer de outra forma, é menor do que uma contradição direta e clara (ênfase no original). Jonathan Edwards, “Freedom of the Will”, em *The Works of Jonathan Edwards*, ed. Patrick H. Alexander (Peabody, MA: Hendrickson, 1998), p.6

¹⁰⁴ Wayne A. Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), 198.

Deus é objetivamente digno de ser louvado em e de si mesmo. O amor de Deus tem a ver com o transbordamento desse caráter bom em seu desejo de fazer o bem para outros.

O ato de Deus se dar em benefício de outros é observado através da Bíblia. De fato, a passagem mais famosa das Escrituras testifica isto: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). O amor de Deus o motiva a agir para o benefício do mundo, mesmo à custa da vida do seu Filho. Nós deveríamos estar dominados por completo pela autossuficiência eterna de Deus, visto que ele não precisa de nós e é, sozinho, o padrão universal para o bem, ainda assim se move em nossa direção com sua compaixão a fim de nos ajudar.

Aconselhar alguém que esteja tão destruído como Jenny significa que nós não ousamos ignorar o amor de Deus. A bondade de Deus – que Deus é o padrão daquilo que é o melhor – é maravilhosa e preciosa, mas não suficiente. Jenny precisa conhecer não somente este Deus que faz o que é melhor, mas que, ao fazer isto, ele o faz *para* ela. Jenny precisa conhecer a compaixão de Deus para a sua vida. Jenny precisa saber que Deus a ama. João 3.16 nos dá a autoridade e o mandato no aconselhamento para falar a Jenny que Deus a ama. A consideração de tal realidade foi a mudança de vida para Jenny. Ela nunca havia experimentado o amor de mais alguém. No início, Jenny teve um tempo difícil para crer que ela pudesse ser a recipiente de tal amor, mas uma vez que ela começou a mergulhar neste amor, isto revolucionou a sua vida.

MISERICÓRDIA E GRAÇA

Quando nós falamos da misericórdia e graça de Deus, nós estamos nos referindo à bondade imerecida de Deus para com pessoas que precisam de ajuda. Enquanto examinarmos esses dois atributos de Deus, nós focaremos nas características da natureza de Deus que podem ser bem difíceis de diferenciar. A despeito da dificuldade, muitos teólogos

sistemáticos fazem a distinção. Misericórdia é, frequentemente, entendida como uma manifestação da bondade de Deus para aqueles que estão com problemas (2 Sm 24.14; Mt 9.27; 2 Co 1.3,4). Graça é, frequentemente, entendida como uma manifestação da bondade de Deus para aqueles que não a merecem (Sl 119.132; 1 Pe 5.10; Rm 3.23,24; 11.6).¹⁰⁶ Eu tenho abordado a ambos na minha definição por causa da minha dificuldade na mente de fazer uma distinção rígida e rápida entre os dois termos que, frequentemente, se sobrepõem.¹⁰⁷

Embora seja comum dividir estes dois termos, a Bíblia, frequentemente, os coloca juntos (veja Ex 33.19; 34.6; Sl 103.8; Rm 9.15; Hb 4.16). Ainda assim, não é como se não pudéssemos fazer distinções dos termos. Paulo disse: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda a consolação!” (2 Co 1.3). Esta passagem está falando sobre Deus consolar pessoas que estão passando por sérias dificuldades (2 Co 1.3-7), e sua misericórdia é o que se realiza.

Então, há o ensinamento de Paulo em Romanos 3.23,24: “Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus”. Aqui, pecadores culpados recebem o inestimável dom da justificação, que eles nunca mereceriam, e que é visto como uma manifestação da graça de Deus. Assim, embora graça e misericórdia sejam, cada uma, uma manifestação da bondade de Deus que, frequentemente, se sobrepõem uma com a outra, há fundamento bíblico para se ver a misericórdia como a bondade de Deus enfatizada para os necessitados e graça como sua bondade enfatizada para os indignos.

Alguém que venha para um aconselhamento precisa conhecer

106 Grudem, *Systematic Theology*, 200; Berkhof, *Systematic Theology*, 71-72. Frame discute as mudanças de entendimento do significado dos vários termos usados. Veja John M. Frame, *Systematic Theology* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2013), 242, 248. O atributo de paciência de Deus está, também, nesta mescla. Quando Deus é bom para pessoas por um longo período a despeito dos seus pecados, isto é uma manifestação da sua paciência. Entendida desta forma, a paciência é uma manifestação específica da sua misericórdia e graça, assim, eu não a tratarei separadamente.

107 O assunto fica ainda mais complicado quando você considera que há momentos na Bíblia quando graça adquire o significado de “poder” (cf. Rm 1.5). Veja Heath Lambert, *Finally Free: Fighting for Purity with the Power of Grace* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2013), 21,22.

a misericórdia e a graça de Deus porque as pessoas, geralmente, não procuram aconselhamento a menos que precisem de ajuda, e como pecadores, eles nunca merecerão tal ajuda. Isto é tão verdadeiro para Jenny quanto o é para qualquer outra pessoa que recebe aconselhamento. Jenny precisa de misericórdia e graça. Jenny é uma vítima de crimes terríveis e precisa de ajuda e conforto para se recuperar daquelas experiências. Jenny é também uma pecadora que, como cada um de nós, merece ser punida por seu pecado. Jenny precisa da misericórdia e graça de Deus mais do que ela precisa de ar. É encorajador para Jenny e outros aconselhados como ela descobrir que Deus ama conceder graça e misericórdia das suas inesgotáveis riquezas. Aconselhamento que seja até mesmo remotamente bíblico deve enfatizar a graça e a misericórdia.

IRA

A ira de Deus é sua cólera para e sua punição da iniquidade. Este é um atributo de Deus que, frequentemente, faz com que as pessoas se sintam desconfortáveis. As pessoas não gostam de pensar em um Deus que se ira e pune pessoas quando elas desobedecem. Sentimo-nos melhor ao pensarmos sobre o amor de Deus, misericórdia, graça e bondade. Mas a verdade é que a ira de Deus é, realmente, um elemento crucial do cuidado de Deus para as pessoas. A doutrina da bondade de Deus nos lembra de que tudo o que Deus é e de que tudo o que ele faz é o padrão para aquilo que é melhor. Nós podemos saber que um desejo de punir o mal é uma boa coisa, ao invés de ser ruim. A situação de Jenny é, realmente, uma prova notável disso.

Muitas pessoas não foram maltratadas da maneira que Jenny foi. Há algo profundo dentro de nós que grita para que seus agressores sejam punidos pelo o que eles fizeram. Esse desejo brota do fato que nós fomos feitos à imagem de Deus e há um desejo ardente de que sua justiça seja manifesta. Isto seria evidência da corrupção e maldade, não sentir nenhum desejo por uma punição justa para o pai de Jenny, tio, namorados e até mesmo sua mãe.

Nós podemos encorajar Jenny com as palavras de Paulo em Romanos 12.17-19:

Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: a mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor.

Esta passagem tem uma exigência e uma promessa. A exigência para todos que foram prejudicados e sofreram injustiça é vivam pacificamente com todas as pessoas e evitem a vingança. Esta exigência, entretanto, está fundamentada numa promessa de que Deus, em sua ira, tomará vingança. A ordem para não se vingar não está baseada numa realidade que vê a vingança como má. Ela está baseada na realidade que a vingança é algo que somente Deus, que é tanto bom quanto irado, sabe como fazer.

Num mundo onde crimes não são reportados nem punidos, nós precisamos conhecer este cuidado de Deus que inclui uma promessa de punir malfeitores em sua ira.

O ACONSELHAMENTO E OS ATRIBUTOS DE DEUS

Pela graça de Deus, Jenny está muito melhor hoje. Quando o aconselhamento terminou, ela havia crescido em sua confiança e em suas convicções, e além disso, estava crescendo, verdadeiramente, como cristã. Ela pôde acreditar que, embora tudo o que havia acontecido a ela, um Deus que era bom e forte estava trabalhando para manifestar o que era bom em sua situação e para fazê-la como Cristo. Jenny estava se tornando, verdadeiramente, uma mulher feliz.

Ao longo deste capítulo eu tentei mostrar a relevância de cada atributo de Deus para o aconselhamento relacionando-os à história de Jenny. Como conclusão deste capítulo, eu gostaria de oferecer várias sínteses de aplicações sobre a doutrina de Deus e o aconselhamento bíblico. Eu sugiro cinco respostas para os conselheiros bíblicos.

Primeiro, conselheiros bíblicos devem ser humildes e devem procurar produzir humildade nos aconselhados. Deus é tudo aquilo que nós não somos. Nós precisamos ser sábios, mas não somos, mas Deus é. Nós queremos o poder que transforma, mas não o temos, mas Deus tem. Nós queremos ser fiéis e bondosos, mas não somos, mas Deus é. Os melhores conselheiros teriam todas as características que somente Deus possui. É por esta razão que ele é chamado de “Maravilhoso conselheiro” (Is 9.6)! Todas essas características são aquelas que nos faltam por causa dos nossos pecados e também por causa das nossas limitações como criaturas. Crescer no conhecimento de quem Deus é deve nos conduzir à humildade, sabendo que estamos longe de possuir os atributos mais cruciais para o sucesso em nosso trabalho. Aqueles atributos, que não nos caracterizam, descrevem quem é o Deus perfeito em sua essência.

Segundo, conselheiros bíblicos devem ser pessoas que adoram e que conduzem aconselhados à adoração. Quando nós capturamos um pequeno vislumbre da glória de Deus, que examinamos neste capítulo, deveríamos ser motivados a exaltá-lo. O transbordamento daquela exaltação deve se dar por meio de palavras que conduzam nosso aconselhado a adorá-lo também. Um conselheiro que possa considerar uma sessão de aconselhamento sem pontuar as glórias de Deus é um conselheiro cujo coração está mais longe dele do que gostaríamos que estivesse, uma vez que sempre falamos daquilo transborda do nosso coração (Mt 12.34). Alguém que busque o aconselhamento é alguém que tem uma adoração deficiente. Aconselhamento diz respeito a restaurar pessoas com problemas a uma adoração correta. Aconselhamento bíblico existe porque a adoração não existe.¹⁰⁸ A tarefa dos conselheiros é trabalhar em si mesmos uma vida de adoração à parte da tarefa de restaurar a adoração nos corações das pessoas feridas.

Terceiro, conselheiros bíblicos devem ser pessoas que confiam em

108 John Piper, *Let the Nations Be Glad!: The Supremacy of God in Missions* (Grand Rapids, MI: Baker, 1993 [N.T. Livro publicado no Brasil como *Alegrem-se os Povos* pela editora Cultura Cristã), 11. Neste livro, Piper reivindica que missões existem porque a adoração não existe. Aqui, eu simplesmente me aproprio da mesma ideia para o aconselhamento.

Deus e conduzem os aconselhados a confiarem no Senhor também. Organizar os atributos de Deus como força e cuidado, nos permite ver algo de grande significado no caráter do nosso Deus. Nós temos visto que Deus tem poder incomparável. Muitos cristãos amam enfatizar os atributos de Deus de força, a fim de motivar a nossa confiança nele. Mas a força de Deus sozinha não motiva confiança. Assim como o peso imponente de um marido abusivo inspira terror, a força de Deus poderia ser um obstáculo à nossa confiança nele, ao invés de ser uma fonte de ajuda. Outros cristãos amam enfatizar os atributos de cuidado de Deus a fim de motivar nossa confiança nele. Mas os cuidados de Deus somente não motivam confiança. Um relacionamento próximo, com um tipo de pessoa que não tem poder para ajudar você quando você está necessitado, pode diminuir a confiança. Confiar em Deus requer um Deus que seja poderoso em força e gentil no cuidado. Nós podemos confiar em Deus e apontar para os nossos aconselhados a fazerem o mesmo, precisamente porque Deus é poderoso e amoroso.¹⁰⁹

Quarto, conselheiros bíblicos devem ser pessoas que orientam seus aconselhamentos em torno da gratidão devida a este Deus, que é tanto forte como cuidador. Aconselhamento diz respeito à mudança. Os atributos de Deus apontam que, como pecadores, conselheiros e aconselhados, muitas vezes não têm o nível de cuidado necessário para se envolverem em tal esforço. Até mesmo quando possuímos algum nível de cuidado, frequentemente nos falta força para conduzir a mudança requerida. Sempre que a mudança acontece no aconselhamento, nós temos que agradecer ao nosso bondoso e forte Deus por isto. À luz da doutrina de Deus, um dos objetivos do aconselhamento é produzir gratidão profunda a Deus tanto no conselheiro quanto no aconselhado.

Finalmente, Deus estabelece a agenda do aconselhamento. Quando conselheiros falam sobre a agenda do aconselhamento, eles

109 Há muitos recursos úteis que os conselheiros podem usar para crescerem na confiança em Deus e para ajudar seus aconselhados a fazerem o mesmo. Dois bons recursos são Jerry Bridges, *Trusting God: Even When Life Hurts* (Colorado Springs: NavPress, 2008 [N.T. Livro publicado no Brasil pela editora NUTRA com o título *Confiando em Deus mesmo quando a vida nos golpeia, aflige e fere*]); J.I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1973 [N.T. Livro publicado no Brasil pela Editora Cultura Cristã com o título *O Conhecimento de Deus*]).

estão falando sobre o tipo de coisas que discutirão no processo de aconselhamento. A doutrina de Deus nos ensina que Deus é o único que tem o direito de estabelecer a agenda para o aconselhamento. É Deus que nos faz operar de certas maneiras e que nos tem revelado tais formas de operar. São os padrões de Deus que estão colocados sobre a mesa, ao criar as dificuldades que conduzem ao aconselhamento. É o caráter da santidade moral de Deus, que serve como padrão para a mudança no aconselhamento. São a força e o cuidado de Deus que tornam possível esta mudança requerida.

Por décadas, cristãos têm discordado sobre se Deus é um tópico legítimo no aconselhamento. Muitos cristãos pensam que o Deus da Bíblia é um assunto inegociável nas conversas que nós chamamos de aconselhamento. Muitos creem que os padrões seculares de ética podem forçar Deus a sair da sala de aconselhamento. Todos nós precisamos crescer em nossa fidelidade a Deus no trabalho de aconselhamento. Eu oro para que possamos chegar ao acordo de que uma das formas mais centrais para que possamos crescer é por meio da inclusão de mais, não menos, do caráter de Deus em nosso aconselhamento. Conhecer a Deus, seu caráter e sua Palavra, é a única forma que poderemos saber o que é fidelidade.

Capítulo 5

ACONSELHAMENTO BÍBLICO E A TEOLOGIA DE CRISTO

Até agora eu introduzi você a dois antigos aconselhados meus, os quais eu chamei de Jenny e Trenyan. Jenny é uma jovem que foi terrivelmente abusada por décadas, e nós falamos sobre a relevância da doutrina de Deus no meu aconselhamento com ela. Como vimos naquele capítulo, Jenny precisava, entre outras coisas, saber que Deus a ama, que ele está presente em sua vida, que ele é poderoso para ajudá-la e que ele defenderá a justiça num mundo no qual ela experimentou profunda exploração. As verdades que a Bíblia ensina trazem mais conforto e ajuda para ela do que qualquer outra coisa que o mundo possa oferecer.

Trenyan é a adolescente que começou a se cortar durante o colapso conjugal dos seus pais. Eu demonstrei a relevância das Escrituras para Trenyan e como ela enfrentou seu desafio e seu problema perigoso. Eu mostrei como o Salmo 55 brotou em sua vida, diante daquela situação, identificando sua dor e apontando para ela sua necessidade da dependência divina em sua luta desesperada por fé. Foi esta passagem das Escrituras, mais do que qualquer outra, que fez a diferença na vida de Trenyan.

As doutrinas de Deus e das Escrituras foram, cada uma, de crucial importância para aquelas duas mulheres. Ainda assim, precisamos colocar uma questão crucial: Por que essas duas mulheres tinham o direito de serem confortadas por aquelas duas verdades da teologia cristã? A doutrina de Deus ensina que Jenny precisa da misericórdia e da graça de Deus, se ela quer evitar a ira de Deus. Mas como é que Jenny sabe que ela receberá a misericórdia e a graça de Deus e não a sua ira? A doutrina da suficiência das Escrituras conforta Trenyan, visto que a Bíblia lhe mostra como chamar a Deus a fim de ajudá-la e salvá-la de sua dor